DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.690

A crise da representação na contemporaneidade: trauma e destrutividade a partir da metapsicologia do negativo de André Green

The contemporary crisis of representation: trauma and destructiveness based on André Green's metapsychology of the negative

Sebastião Venâncio Pereira Júnior[*]
Amom Rodrigues de Morais[**]
Deise Matos do Amparo[***]

Resumo

O presente artigo explora a metapsicologia do negativo de André Green, abordando o trauma não apenas como um evento desorganizador, mas como uma falha na capacidade de simbolização e representação psíquica. Esse autor discute como o conceito de trauma evoluiu na psicanálise, de Freud aos autores contemporâneos, destacando a centralidade da pulsão de morte e da destrutividade na clínica atual, especialmente nos casos-limite. Analisa-se também a crise da representação e a fragilização do simbólico na cultura narcisista do capitalismo tardio, onde a imediatez e a desintegração dos limites psíquicos e sociais exacerbam o sofrimento. Em síntese, o texto propõe que o trabalho do negativo de Green oferece um arcabouço para entender a corrosão da vida psíquica e a escassez de recursos simbólicos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Trabalho do Negativo. Trauma. Simbolização. Pulsão de Morte. Contemporaneidade.

Abstract

This article explores André Green's metapsychology of the negative, approaching trauma not only as a disorganizing event, but as a failure in the capacity for symbolization and psychic representation. It discusses how the concept of trauma has evolved in psychoanalysis, from Freud to contemporary authors, highlighting the centrality of the death drive and destructiveness in contemporary clinical

[*] Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UNB). Brasília, DF, Brasil. sebsvenancio.psi@gmail.com

[**] Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília. (UNB). Brasília, DF, Brasil. amom.morais@aluno.unb.br

[***] Professora Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. (UNB). Brasília, DF, Brasil. deise.amparo.matos@gmail.com

practice, especially in borderline cases. The work also analyzes the crisis of representation and the weakening of the symbolic in the narcissistic culture of late capitalism, where immediacy and the disintegration of psychic and social boundaries exacerbate suffering. In short, the text proposes that Green's work on the negative offers a framework for understanding the corrosion of psychic life and the deficiency of symbolic resources in contemporary times.
***Keywords**: Work of the Negative. Trauma. Symbolization. Death Drive. Contemporary Culture.*

O conceito de trauma permeia a história da psicanálise desde Freud até os autores mais atuais. Não só como conceito, mas também como experiência o trauma ganhou renovada centralidade na clínica e teoria psicanalíticas contemporâneas, sobretudo para além de vivências extremas, em virtude de certo mal-estar difuso entre os sujeitos e seus modos de constituição subjetiva sob uma cultura notadamente marcada pela fragilidade simbólica.

Para Freud (1939/2018), o trauma designa fundamentalmente a ação desorganizadora e negativa do evento traumático que, por sua vez, é a qualidade daquilo que desestabiliza os processos de ligação pulsional, de modo a desfazer e negativar as formações psíquicas; ou seja, está associado ao aspecto econômico do excesso de excitação como efeito do despreparo e de uma frágil contenção psíquica perante o forte impacto do acontecimento.

Além disso, o conceito de trauma ora aparece como um acontecimento externo que irrompe na economia psíquica, ora como uma falha estrutural da capacidade de representação do objeto (BOKANOWSKI, 2005). Tanto em termos econômicos quanto em acepção simbólica, o afeto e a intensidade do trauma provocam falhas no mecanismo de recalcamento, levando à formação de mecanismos de negação, clivagem e fragmentação. Com isso, o trauma pode ser entendido como um ataque que acarreta uma ferida precoce no ego, tornando-se, portanto, uma ferida narcísica (FREUD, 1939/2018).

Essas feridas possibilitam "zonas mortas" no psiquismo que podem ter reflexos destrutivos para o sujeito. Com efeito, uma experiência traumática não produz os seus "estragos" somente pelos aspectos quantitativos e de intensidade dos afetos dolorosos. Mais do que isso, a condição de trauma é definida pela não inscrição psíquica de uma vivência passível de representação ou simbolicamente registrável (BOKANOWSKI, 2005). Em outras palavras, as situações traumáticas possuem caráter clivado e não representacional; "são, por assim dizer, um Estado dentro de um Estado, um partido inacessível, inapto para o trabalho conjunto, mas que pode ter êxito em subjugar o outro, o assim chamado normal, e pô-lo ao seu serviço" (FREUD 1939/2018, p. 59). Dessa maneira, o excesso pulsional vinculado à situação traumática é capaz de desorganizar os processos de subjetivação intrapsíquicos, impossibilitando que o evento seja representado enquanto experiência (GARCIA, 2012).

Para além do excesso pulsional, outros autores consideraram o papel do objeto na formação do ego e suas desordens. Assim foi o caso dos estudos de Ferenczi, Klein e Winnicott, pelos quais a psicanálise se interessou mais pelos efeitos dos traumas primários, provocados pelas falhas no estabelecimento dos vínculos primários com o objeto (BOKANOWSKI, 2005). Ou seja, assim

como a pulsão, o objeto também se apresenta enquanto fator traumático. O trauma permeia os limites intrapsíquicos e intersubjetivos, demarcando uma imbricação entre pulsão e objeto (GARCIA, 2012).

Em um cenário contemporâneo, marcado pelo colapso dos referenciais simbólicos e pelo predomínio das formas de subjetivação que escapam ao paradigma neurótico, a noção de trauma ressurge como um eixo organizador da clínica. Diante desse contexto, a obra de André Green oferece uma contribuição indispensável ao articular os conceitos de trauma, representação, pulsão de morte e destrutividade sob o índice do conceito de trabalho do negativo, propondo uma reformulação da metapsicologia freudiana a partir da compreensão de estruturas clínicas não neuróticas.

Para Green e Urribarri (2019), o movimento contemporâneo em psicanálise é caracterizado pela predominância de estruturas clínicas não neuróticas. Ocorre então uma mudança do paradigma na psicanálise: a neurose dá lugar aos casos-limite.

> Neste sentido, enquanto os casos limites colocam em relevo a noção de eu – seus limites, defesas, investimentos, fragilidade narcísica – a neurose remete imediatamente à noção de sujeito, pela intensidade de seus conflitos pulsionais e complexidade simbólica de suas manifestações sintomáticas (GARCIA, 2012, p. 12).

O trauma contemporâneo se expressa muitas vezes sob a forma desses casos-limites, em que a ausência de conflito psíquico recobre a impossibilidade de simbolização. Trata-se de sujeitos cujas experiências não foram metabolizadas simbolicamente, mas apenas dissociadas, ou evacuadas do psiquismo. O traumatismo se torna, então, o nome de uma ausência de inscrição ou de falhas na representação.

Desse modo, a construção de uma metapsicologia da clínica e cultura contemporâneas fez-se necessária para tratar do problema do irrepresentável, uma figura do negativo onde os processos de ligação do pensamento representativo tropeçam. O irrepresentável não é simplesmente aquilo que escapa à consciência em determinado momento ou foi recalcado em uma fantasia inconsciente. Refere-se, no fundo, a algo que não consegue fazer ligação, relacionando-se à questão da representação, ao passo que a pulsão remete ao problema da ligação e do desligamento. Em síntese, o negativo do representável é aquilo que não se deixa ligar pela mediação do pensamento (GREEN; URRIBARRI, 2013).

Podemos observar que nas condições limítrofes em questão existem falhas no processo de simbolização "como se as representações não pudessem ligar a força das pulsões, inclusive podem acabar por se expressar como passagens ao ato ou somatizações. É neste ponto que nos vemos confrontados com algo que não ocorre na neurose" (GREEN; URRIBARRI, 2013, p. 158). Isto significa dizer que a representação de coisa inconsciente, enquanto vivência traumatizante, fica exposta ao ataque das pulsões em decorrência da incapacidade do trabalho psíquico. Há uma tensão entre força e sentido. Temos então a força destrutiva da pulsão de morte contra a atividade representativa. Liberada, essa pura força e intensidade precisa ser descarregada no real. Inclusive, Freud já havia descrito como a compulsão de repetição era marcada por essa pulsão rebelde. Isto para mostrar "o quanto essa pressão insistente do demoníaco obrigava toda a atividade psíquica a estruturar-se contra essa tirania através de todo tipo de processos racionalizantes" (GREEN, 2017, p. 39).

Posto isso, tem-se por objetivo explorar essas noções no pensamento de André Green, explicitando como sua teoria do negativo permite uma compreensão do trauma e do traumatismo para além da factualidade do evento, centrando-se na falência da simbolização e na corrosão da vida psíquica. Propõe-se, assim, a leitura do trauma como apagamento do trabalho do negativo, da pulsão de morte como destruição da capacidade representacional, e da destrutividade como desinvestimento pulsional, sem inscrição simbólica. Outrossim, este artigo sustenta a hipótese de que a crise contemporânea da representação e das mediações simbólicas produz condições favoráveis à expansão de modalidades traumáticas de sofrimento psíquico, cuja inteligibilidade pode ser ampliada pela metapsicologia do negativo proposta por André Green.

A hipótese de que as transformações socioculturais do capitalismo tardio repercutem nos modos de subjetivação e nos processos de simbolização tem sido explorada por diferentes autores da teoria social e da psicanálise. Em trabalhos anteriores, argumentou-se que a ascensão de formas narcísicas de subjetividade está relacionada à erosão de mediações simbólicas características da modernidade tardia (MORAIS, 2026).

Sendo assim, a presente reflexão dá continuidade a investigações anteriores sobre as relações entre capitalismo contemporâneo, narcisismo e formas limítrofes de subjetivação (MORAIS, 2023, 2026), aprofundando agora o papel do trauma, da destrutividade e da crise da representação a partir da obra de André Green.

Os limites em André Green: da metapsicologia freudiana ao trabalho do negativo

Green compreende dois modelos dentro da obra freudiana, com implicações para se pensar a questão da representação e a própria clínica psicanalítica (GREEN; URRIBARRI, 2019). O primeiro modelo é construído em torno do sonho como paradigma central do inconsciente; trata-se da primeira tópica freudiana e do primeiro paradigma pulsional. Nesse modelo, a pulsão se localiza fora do aparelho psíquico, a representação baseia-se no movimento em que o sonho – representação de coisa – é convertido em relato do sonho – representação de palavra –, fazendo circular o sentido de um plano para o outro (URRIBARRI, 2013). Em outras palavras, a representação é um dado de referência para este modelo, junto da consciência como referência e o inconsciente como sua forma negativa (GREEN, 2010).

Os fracassos na clínica demonstram a insuficiência desse modelo para se pensar os casos em que a representação é impossibilitada pela pulsão de morte. A partir da segunda tópica e do segundo dualismo pulsional, as pulsões passam a se localizar dentro do aparelho psíquico, no Id. Nesse outro paradigma, há uma modificação do estatuto de representação. O segundo modelo procura dar conta do fracasso da palavra, da representação e da interpretação, clinicamente não tendo mais o sonho como paradigma, mas o ato dessimbolizante (URRIBARRI, 2013). O problema não é mais o recalque do representante, mas a destruição do próprio pensamento e do aparelho que permite o trabalho de representação.

Assim, enquanto na primeira tópica o que constituía o aparelho psíquico em seu sentido progressivo-regressivo eram as formas psíquicas representacionais, que buscavam satisfação a partir de uma primeira experiência prazerosa, e a realização alucinatória desta sendo o sonho, o que temos na segunda tópica são as moções pulsionais compondo o Id, a base do psiquismo não se orienta mais nas representações que podem vir a ser recalcadas, mas sim, agora, no pulsional, capaz de romper o vínculo da representação com a realização do desejo, e que deve ser negativado através dos mecanismos de defesa.

Assim, o trabalho do negativo corresponde inicialmente ao conjunto dos mecanismos de defesa de recalque, forclusão, negação e recusa, mas sua extensão não se limita à esfera do Eu. O trabalho do negativo também se estende às outras instâncias do aparelho psíquico e às relações e respostas objetais (GREEN, 2010). A amplitude do conceito demonstra a ideia de que o negativo enquanto conceito permeia a existência da própria psicanálise, desde Freud.

A noção de um negativo está presente em diversos momentos da obra freudiana, tanto diretamente, como é o caso da negativa enquanto processo defensivo (FREUD, 1925/2011), mas também indiretamente, como é o caso da noção de inconsciente, tendo em vista o prefixo de negação *in*, indicando algo que está no negativo – além – da consciência. Nas palavras de Green (2010, p. 305):

> A psicanálise encontra o negativo no fundamento de sua existência, porque sua teoria repousa em uma positividade em excesso, aquela devida ao funcionamento pulsional com a qual o sujeito só pode compor negativando-a ou pelo jogo dos mecanismos de defesa, tornando a vida pulsional compatível com as exigências da vida cultural, ela mesma o resultado de uma negação da vida natural.

O funcionamento do recalque, mecanismo necessário e inevitável para a constituição do psiquismo, é orientado a partir de um critério discriminativo, em que o sim determina as representações que acessam a consciência, enquanto o "não" diz respeito às representações recalcadas. Para Green, a introjeção do sim e do não se dá a partir da relação com o objeto primário. Uma vivência traumática na relação com o objeto primário é capaz de, então, trazer à tona a valência destrutiva do trabalho do negativo. Green explica que

> Muitos analisandos que apresentam uma reação terapêutica negativa nos revelam, por sua transferência, a dilaceração entre o sim e o não como viciação do trabalho do negativo. O que eles nos mostram, de fato, é que a recusa de optar, a recusa de acreditar, a recusa de investir nada mais são que a recusa de viver (GREEN, 2010, p. 294).

Dessa forma, entende-se que o trabalho do negativo apresenta uma dupla face, caracterizada pela distinção entre a "falta" e o "vazio"; a primeira, de valência estruturante, leva a representações e fantasias, simbólicas de uma clínica neurótica do sonho, enquanto o "vazio" diz respeito predominantemente à destruição do objeto, à pulsão de morte, expressão de uma clínica marcada pelo agir (GREEN, 2000). A primeira face do negativo demonstra que uma negativação do excesso que permite a constituição do aparelho psíquico, sem ele (negativo) "haveria apenas o quantitativo, apenas uma permanente e violenta descarga motora ou alucinatória" (BOTELLA, 2013, p. 69).

Por outro lado, quando a coexistência do sim e do não, da ausência e presença são introjetadas, há o estabelecimento de um limite do consciente e o pré-consciente de um lado, e do inconsciente, do outro. Nesse ponto é possível

identificar a função objetalizante. O trabalho do negativo apresenta então sua face constitutiva, permitindo o esquecimento do objeto. Em outras palavras, a questão do objeto se articula à da negatividade a partir do trabalho de luto a ser realizado na ausência objetal. Entretanto, o que ocorre quando esse luto não é possível?

Pode-se pensar na ideia de um trauma de representação, nas palavras de Green: "temos uma destruição da imagem, um borrão ou o seu desaparecimento gradual, que cria um ferimento na mente, produzindo uma hemorragia de representação, uma dor sem qualquer imagem de ferimento, apenas um estado de vazio, ou um buraco" (2000, p. 141-142). Essa destruição se apresenta como uma defesa autodestrutiva do sujeito, um mecanismo automutilante do pensamento.

Green (2010) trabalha a partir da hipótese de que esta função autodestrutiva atua como expressão da pulsão de morte, assim como a função sexual é a expressão da pulsão de vida. Isso é explicado pela existência, na clínica contemporânea, de formas de destruição psíquica que apresentam a pulsão de morte pura, não intrincada com a pulsão de vida. O papel do objeto nesse ponto é fundamental e, para isto, o autor realiza uma distinção entre duas funções das pulsões primordiais. A pulsão de vida, relativa a investimentos, é permeada pela função objetalizante, responsável por criar relações objetais, além do processo de objetalização de estruturas. Do outro lado, junto a pulsão de morte e seu desligamento, se localiza a função desobjetalizante, em que a relação objetal é atacada, junto de seus substitutos e o próprio investimento. Ou seja, há um desinvestimento radical do sujeito, o que Green (1988) compreende como narcisismo negativo, uma aspiração ao nível zero.

Essa distinção pulsional e de suas funções também se apresenta na distinção entre as modalidades defensivas. A noção de um negativo estruturante, mais próximo do recalque, implica a possibilidade de uma religação – ou reinvestimento da representação – no inconsciente. Na polaridade oposta, constata-se a utilização de outras defesas, como a clivagem e a forclusão, em que o desligamento tende a prevalecer, impedindo a religação, sobrando o nada (GREEN, 2010).

O negativo se apresenta então tanto como ponto que possibilita o trabalho de representação, ou seja, aquilo que transforma as moções pulsionais em representação-coisa, mas também como o irrepresentável. Um ponto que permite compreender a passagem e a diferença entre as duas valências do negativo se encontra na relação do objeto primário com a alucinação negativa, ou seja, a negativação da mãe-objeto primário. A alucinação negativa do objeto materno

deixa como rastro uma estrutura enquadrante do eu, capaz de abrigar as representações (GREEN, 1988).

A estrutura enquadrante seria a "moldura" das representações do sujeito; em outras palavras, é a partir dela e de seu trabalho do negativo, ou seja, o trabalho dos mecanismos de defesa, que os limites do psiquismo vão se constituir. Acerca da função constitutiva do trabalho do negativo, Figueiredo e Cintra (2004) também afirmam que:

> Quando lidamos com pacientes cujos psiquismos puderam contar com objetos fundamentalmente eficazes e adequados, a parte do objeto tende a se tornar invisível e inaudível, vale dizer, nestes o trabalho do negativo realiza sua tarefa constitutiva, o que inclui… o esquecimento dos objetos (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 16).

Na valência oposta do negativo, a função desobjetalizante atua quando há confusão na dupla face do trabalho do negativo, relativa à oposição entre bom e mau e existente e inexistente. Essa confusão cria uma experiência traumática marcada pelo excesso, impedindo a representação e o pensamento (FIGUEIREDO; CINTRA, 2004, p. 33). A função desobjetalizante, representante da face destrutiva do negativo, implica um desinvestimento dos objetos internos, externos e transicionais, impossibilitando os processos representativos.

O papel do objeto na capacidade de representação, a partir da noção de estrutura enquadrante, permite a discussão de um ponto crucial: a noção do complexo da mãe morta. Esse complexo se manifesta clinicamente a partir de uma depressão de transferência que apresenta um núcleo central depressivo (GREEN, 1988). Isso se dá como consequência do luto de um objeto vivo, marcado pelo desinvestimento. Em virtude deste, a saída encontrada pelo sujeito é a identificação com a mãe morta, já que a relação objetal não é possível, assim como o luto por esse objeto (GARCIA, 2012).

O que ocorre aqui é uma oscilação constante entre a presença e a ausência, que ameaçam invadir e abandonar o sujeito, respectivamente. A incapacidade de encontrar uma distância "segura" com o objeto também impediu "a construção de um espaço psíquico que pudesse abrigar representações e dar lugar a novos investimentos" (GARCIA, 2012, p. 27). Um objeto que não se permitiu apagar demonstra a necessidade do trabalho do negativo na separação do objeto primário, ou seja, o objeto primário deve ser negado para se converter em parte da estrutura psíquica como vazio. É importante ressaltar que essa parte do psiquismo não é sentida como um vazio, por ser preenchida pelos circuitos

pulsionais, acolhendo as representações e construindo as fronteiras intrapsíquicas e intersubjetivas necessárias para o sujeito realizar novos investimentos em objetos substitutos (GARCIA 2012).

Esse apagamento do objeto é o aspecto constituinte da alucinação negativa. A pré-condição para a representação é justamente a capacidade de alucinar negativamente o objeto primário em sua presença. Aqui, o trabalho do negativo é sustentado pela estrutura enquadrante, constituindo o aparelho psíquico e preservando a função objetalizante. Sem isso, o trabalho de representação não é possível (GARCIA, 2012; GREEN, 1988, 2010).

Trauma e o fracasso da simbolização: o irrepresentável

Como foi ressaltado, para Green (2010), o psiquismo se constitui pelo trabalho do negativo, ou seja, pela capacidade de ausência, recusa, separação e simbolização. Quando esse trabalho fracassa, o sujeito fica à mercê de uma vivência não representada que se impõe como um real psíquico insuportável. O trauma, então, marca a falência do processo de negativação, produzindo uma clivagem entre a experiência vivida e a possibilidade de pensá-la. Essa falência inaugura um campo clínico onde os sintomas são expressões do colapso do sentido e não mais de algo latente a ser interpretado.

A impossibilidade qualitativa de dar forma psíquica ao vivido, de acordo com Green (2017), aproxima sua perspectiva da concepção de Ferenczi (1933/1990) sobre o trauma como "esquecimento da alma" diante de uma experiência que não encontra acolhida simbólica. Segundo o psicanalista francês, a maneira pela qual Ferenczi abordou a compulsão de repetição o conduziu a entender:

> transferência como 'pura' repetição, ou seja, como reprodução dos traumas de infância, traumas que diferem muito daqueles, pois não se trata para ele de sedução, mas de estupro (psíquico); ou pela confusão de línguas, de suborno por excessos de demandas parentais ou de privação de amor, por desconhecimento das necessidades da criança ou finalmente da paralisia psíquica por assombro devido ao desespero. Em resumo, o que está em jogo aqui não é mais o destino da libido, mas simplesmente a asfixia da vida psíquica (GREEN, 2017, p. 39).

Observa-se que Green acompanha mais a perspectiva de Ferenczi do que a de Freud. Este último, apesar de toda infelicidade e desconforto, ainda assim

confiava na capacidade do psiquismo de encontrar formas de transformar e metabolizar o trauma, fosse ele qual fosse, e de integrá-lo no enquadramento interno do sujeito. Ocorre que o trauma, basicamente, expressa um impasse na própria capacidade de criação do psiquismo, ou seja, indica algo mais fundamental que é a inviabilização da capacidade de transformação e elaboração simbólica.

Na observação de análise de pacientes com traumatismos graves na infância, os objetos, em especial os parentais, exercem uma função mais ativa e estruturam um problema distinto dos conflitos neuróticos, pelos quais as pulsões se manifestam por meio de fantasias ligadas a desejos inconscientes. Desse modo, a estrutura do objeto acaba ficando de fora da dinâmica interna do psiquismo. Por sua vez, no traumatismo associado a impasses não neuróticos, o objeto está, de certa forma, "encravado", demonstrando como a possibilidade de elaboração do aparelho psíquico está obstruída ou cancelada (GREEN, 2017).

A experiência traumática, então, resulta da impossibilidade de dar forma representacional à excitação, ao "objeto encravado" ou à perda, instaurando um vazio no qual o sujeito encontra-se desinvestido da própria cena interna (GREEN, 2017). Esse esvaziamento da capacidade representacional encontra ressonâncias na cultura pós-moderna, onde a aceleração do tempo social e a estetização do presente produzem uma espécie de colapso do simbólico. Para Jameson (1992), o pós-modernismo se caracteriza por uma crise da historicidade, pela perda da capacidade narrativa e por um esvaziamento da profundidade do tempo subjetivo. O sujeito pós-moderno não se organiza mais em torno da memória, do conflito ou mesmo do sentimento de culpa, mas da fragmentação de seu sentimento de si, da superficialidade sensível e da simultaneidade incessante de estímulos.

Essa lógica cultural e social afeta diretamente o campo da clínica psicanalítica: o sofrimento psíquico deixa de se estruturar como neurose e passa a se expressar como um trauma sem inscrição psíquica, como repetição muda, sem narrativa, pois não há representação (MINERBO, 2011). A clínica do trauma contemporâneo é, portanto, a clínica do esvaziamento ou do vazio: do pensamento, do desejo, da simbolização (GREEN, 2010).

> O que podemos observar é uma espécie de corrosão dos recursos psíquicos associados às mediações simbólicas fragilizadas onde a capacidade de representação tem falhado. De acordo com Minerbo (2011), nesse sentido, muitas das "novas" modalidades de sofrimento estão relacionadas à fragilidade do símbolo na sociedade contemporânea. Há uma crise da representação,

> na qual ela vem perdendo credibilidade perante um cenário cultural onde as representações são predominantemente criadas pelas mídias digitais ou mesmo distorcidas e manipuladas pelos meios de comunicação (MINERBO, 2011; HERRMANN, 1997).

Ao que parece, ocorreu algo com o estatuto ontológico do símbolo pois, ao menos tradicionalmente, o símbolo representa a coisa e a substitui, podendo estar no lugar dela e sustentar para o psiquismo sua ausência por meio de um significado ou sentido. Sem a realização deste trabalho da representação conceitual, a ausência da coisa pode se transformar em um objeto ameaçador e/ou mesmo um não-sentido desorganizador e angustiante, justamente pelo vazio semântico e afetivo que desorienta o sujeito com relação ao senso de realidade (o sujeito não sabe o que está acontecendo e nem o que está sentindo). É por meio da representação que se constitui uma mediação que permite sustentar, tolerar e integrar a falta, a ausência, a perda, a separação. Com isso, o símbolo consegue ligar a coisa a alguma referência, a algum significado e sentido, fazendo com que as forças pulsionais possam ser contidas e não explodam em atuação concreta no real (MINERBO, 2011).

A partir desta crise da representação e sua decorrente fragilização do símbolo, o funcionamento psíquico contemporâneo observado, particularmente na clínica, tem sido marcado pela "depleção simbólica"; expressão cunhada por Minerbo (2011, p. 279) para designar o comprometimento da função simbolizante. Tal prejuízo pode produzir uma "anemia psíquica", ou seja, uma debilidade de recursos internos onde se faz necessário convocar a realidade para dar sustentação à falta da mediação simbólica (MINERBO, 2011).

As falhas na função simbolizante podem ser identificadas nos objetos primários inadequados, mas também podem ser generalizadas em virtude do esgarçamento do tecido social e objetos oriundos da cultura pouco continentes. A subjetividade que se constitui neste contexto é incapaz de desenvolver uma simbolização suficiente para metabolizar seu aparelho psíquico de puras intensidades afetivas, isto é, de transformar as forças pulsionais em sentido elaborado (MINERBO, 2011). Tampouco pode o sujeito internalizar representações que sirvam de referências identificatórias para a constituição de um si-mesmo integrado, cuja função é fornecer eixos mais seguros de orientação da conduta e de sentimento de si.

Os desdobramentos subjetivos dessa configuração são o desamparo do Eu e a fragilização de sua continuidade narcísica – expressões da precariedade narcísica contemporânea. O sujeito sob depleção simbólica poderá lidar com

esse esvaziamento existencial por meio do transbordamento pulsional, como ocorre nas atuações e em passagens ao ato, ou por um desinvestimento pulsional, como nas aparentes depressões e apatias (MINERBO, 2011). Este último ponto nos leva ao problema da destrutividade, afinal, o sujeito desinvestido da própria cena interna é o que Green (2010) nomeia como processo de *morte do negativo*, isto é, a destruição da função simbólica que permite à ausência e à separação estruturarem o psiquismo.

A partir da discussão apresentada até aqui, é possível compreender que a metapsicologia do negativo não se restringe à descrição de processos intrapsíquicos. Determinadas transformações socioculturais podem favorecer modos de subjetivação marcados por dificuldades de simbolização, fragilização das mediações psíquicas e predominância do agir sobre a representação. Nesse sentido, a teoria de André Green oferece instrumentos conceituais para pensar os impasses da subjetividade contemporânea em um contexto de colapso da capacidade de simbolização.

A destrutividade e a crise da representação na contemporaneidade

Green (2008) ressalta a necessidade de diferenciar a destrutividade da agressividade. No caso desta última, como se sabe desde os primórdios da psicanálise, há uma relação com o sadismo e à evolução da libido atrelado aos estágios psicossexuais. Apesar de ser facilmente confundida com o sadismo, a destrutividade orientada para o objeto é de uma outra natureza, a saber, sua dimensão narcísica. Isto significa dizer que o sujeito que opera a destrutividade deseja exterminar o narcisismo de seu objeto, tratando-se, assim, de onipotência mais do que de prazer.

Mas há um outro tipo de destrutividade para além do direcionado ao objeto, aquela que é dirigida para o próprio interior. Neste caso, o que prevalece é o ódio a si mesmo, o que torna difícil às vezes a distinção entre destrutividade/narcisismo e masoquismo (GREEN, 2008). Sobre esse ponto, é preciso recorrer à noção de clivagem, mecanismo pelo qual se dá uma cisão que dissocia qualquer unidade interna. Os efeitos da clivagem passam pelo movimento de proteção de "uma zona secreta de não contato" onde o sujeito estará totalmente sozinho, além de que pode haver ataques aos processos de ligação e associação do pensamento (GREEN, 2017).

Ao voltar ao ponto do desinvestimento, vale assinalar que Green (2017) se refere a uma espécie de depressão primária para designar uma desvinculação

radical que mira a "obtenção de um estado de vazio, de aspiração ao não ser e ao nada" (GREEN, 2017, p. 80). Aqui, abordamos a destrutividade como um modo de funcionamento que atravessa a clínica dos estados-limite. Nesse funcionamento, em que há falhas e porosidades nas fronteiras narcísicas, aparece um outro tipo de sofrimento pelo qual encontramos uma oscilação pendular entre angústia de separação e angústia de intrusão (GREEN, 2017). Isto significa conceber um narcisismo destrutivo, muito em virtude da formação das suas fronteiras. Na falta de continência que demarca os limites do dentro e o fora, o Eu e o outro, qualquer distanciamento do objeto é vivenciado como abandono e qualquer aproximação pode facilmente provocar a sensação de engolfamento pelo outro. Sem barreiras, não há contenção e organização de forças e intensidades sensíveis. Daí que o limite não é apenas um elemento a mais do psiquismo, "o limite não é uma simples linha, é toda uma zona de transformações entre o dentro e fora, assim como entre as instâncias psíquicas" (GREEN; URRIBARRI, 2019, p. 28).

A destrutividade se expressa nesses casos agindo por meio do desinvestimento pulsional, em relação ao objeto e a si mesmo, o que pode ser associado à lógica da desesperança e indiferença. Mas ao mesmo tempo, esse movimento de desorganização narcísica pode agir sabotando o desejo por meio do investimento pulsional contra o outro e contra si mesmo e daí surgir o risco da violência, da agressividade e da autodestruição. O aniquilamento de si, seja física ou mentalmente, está posto neste movimento que também pode ser chamado de "narcisismo negativo", ou seja, a destruição da própria estrutura psíquica. Além disso, há a desintegração da capacidade de elaboração da experiência do seu desejo que surge em meio às dificuldades de representar simbolicamente suas vivências pulsionais. Por fim, tal dinâmica inviabiliza a integração narrativa da história pessoal, quebrando o encadeamento significativo e de ligação pelo pensamento associativo. Observa-se, assim, a pulsão de morte em máxima intensidade desligando as relações que fazem vida.

Essas formas de subjetivação encontram paralelo na cultura do narcisismo caracterizada por Christopher Lasch (1979/2023) e atualizada por autores como Berardi (2019), que identificam a subjetividade contemporânea como marcada por um colapso da linguagem simbólica. O sujeito do capitalismo cognitivo está saturado de conexões e esvaziado de experiência — sua vida emocional foi reduzida à gestão de estímulos. O narcisismo contemporâneo, longe de ser excesso de amor por si, é ausência de relação com o outro em sua autonomia e diferença e com a própria interioridade (HAN, 2017).

Essa perspectiva se coaduna com a análise do capitalismo narcisista. An-

selm Jappe (2019) descreve figuras como Erisícton, o rei da Tessália, que possui características de um narcísico clínico: centrado em si mesmo e incapaz de estabelecer relações verdadeiras com o outro. A húbris de Erisícton, que o leva à destruição e autodestruição, é um paralelo à deriva suicida da sociedade capitalista. No capitalismo, o narcisismo e o fetichismo da mercadoria são vistos como duas faces da mesma forma social. O sujeito narcísico, sob a aparência de maturidade, mantém-se num estágio primitivo de evolução psíquica, percebendo o mundo como uma extensão de seu ego e negando a autonomia dos objetos externos (JAPPE, 2019).

A ascensão do capitalismo de vigilância e da economia da atenção nas últimas décadas amplifica esses traços narcisistas. A ideologia de que o sucesso e o valor provêm exclusivamente do empreendedorismo individual corrói a noção do "social". No entanto, essa mesma ideologia gera uma contradição insuportável entre destino e mérito, levando os indivíduos a projetarem a culpa de seus fracassos em "outros" demonizados, em vez de reconhecerem causalidades sistêmicas (CESARINO, 2022). O realismo capitalista de Mark Fisher (2020) descreve o desaparecimento de qualquer alternativa ao capitalismo neoliberal, positivando seus piores efeitos: crise como oportunidade, instabilidade como flexibilidade, insegurança como assumir riscos, e precariedade como *networking* e exposição. Essa lógica cria *double binds* nos indivíduos: quanto mais trabalham, menos prosperidade obtêm; ou se sentem soberanos mesmo quando são mais influenciados (CESARINO, 2022). A tecnofilia contemporânea, em suas diversas manifestações, necessariamente reforça o narcisismo (JAPPE, 2019).

A sociedade contemporânea, sob a influência do capitalismo tardio e neoliberal, inaugura uma era da antirrepresentação, onde a imediatez se torna um valor central (KORNBLUH, 2023). Nesse sentido, para Green (2019), os estados-limites revelam um distúrbio funcional ou uma falha na inscrição da representação de coisa, o que reforça a ideia de uma negação da mediação simbólica. Os traços mnêmicos não são mais investíveis devido à dor que evocam, resultando em uma experiência de desamparo em vez de satisfação (idem). A função desobjetalizante, associada ao narcisismo de morte, desinveste e desqualifica o objeto, podendo negar sua própria existência, o que leva a um curto-circuito do investimento significativo crucial para a representação (GREEN, 2022). Nessas condições, o pensamento é monopolizado pelo trabalho do negativo, dificultando a simbolização e a elaboração psíquica (GREEN, 2019, 2022).

O mundo digital amplifica essa desmetaforização generalizada e dessimbolização (JAPPE, 2019). A lógica das plataformas, ao acelerar a temporalida-

de sociotécnica, desestabiliza os metaenquadramentos e colapsa contextos, como as distinções entre público e privado, fato e ficção (CESARINO, 2022)[1]. Essa intrusão cibernética em nossas infraestruturas cognitivas nos impede de fixar um sentido estável, forçando-nos a operar em um "cronotopo de crise permanente" pontuado por eventos sem aparente conexão (CESARINO, 2022, p. 94). A eu-pistemologia, baseada na experiência imediata e certeza dos sentidos, ganha proeminência, mas é um efeito da experiência global de não mediação, na qual cada usuário tem sua própria visão personalizada da realidade, agarrando-se a ela como se fosse a única correta (CESARINO, 2022).

O neoliberalismo, como legitimação política, intensificou a flexibilização e fractalização do trabalho, levando à total dependência do trabalho cognitivo à organização capitalista da rede global. Em um "infotrabalho" incessante, as emoções e o pensamento tornam-se dependentes do fluxo de informação, gerando uma crise nervosa na "mente global" (BERARDI, 2019, p. 55). Richard Sennett descreve como a cultura do novo capitalismo exige um self orientado para o curto prazo, focado em capacidades potenciais e desvalorizando a experiência e o passado (SENNETT, 2006). As novas instituições são impessoais e opacas, com redes tênues que se desintegram facilmente, e um conhecimento institucional debilitado. A insegurança ontológica e a ansiedade flutuante se tornam traços da vida cotidiana, resultantes da constante mudança e da ausência de narrativas de vida estáveis (SENNETT, 2006).

Portanto, a destrutividade psíquica na sociedade contemporânea, conforme Green, é uma dimensão essencial que a psicanálise deve confrontar (GREEN, 2022). A pulsão de morte, expressa como força de desinvestimento e na subversão do trabalho do negativo, encontra terreno fértil em um contexto cultural que perdeu seu laço de sustentação com as figuras do negativo e sua valência estruturante. O desinvestimento massivo e temporal do objeto primário gera um sentimento de vazio e luto branco, enquanto a falha na inscrição da representação de coisa impede a elaboração e a simbolização (GREEN, 2019).

A irracionalidade do capitalismo, com sua lógica tautológica e vazio fundamental, corresponde à irracionalidade dos sujeitos (JAPPE, 2019). A "frieza burguesa" (ADORNO, 2009, p. 232) abole a piedade e a empatia, transforman-

1. Aqui, cabe apontar que o capitalismo de plataformas não é apenas uma manifestação tecnológica, mas uma mutação profunda nas relações de trabalho e na subjetividade. Ricardo Antunes destaca que a uberização oblitera as verdadeiras relações de trabalho, transformando o assalariamento na falácia do "proprietário de si mesmo", enquanto algoritmos e artefatos digitais invisíveis controlam e impõem ritmos, tempos e movimentos (ANTUNES, 2024). Essa lógica, impulsionada pela Indústria 4.0, busca eliminar o trabalho humano ao máximo (*Idem*).

do o "homem flexível" em um ser "capaz de tudo" (JAPPE, 2019, p. 285). A violência, inclusive em suas formas mais extremas e aparentemente gratuitas, é uma consequência intrínseca da sociedade de mercado. O ódio contemporâneo, desprovido de objeto e convicção, esgota-se no *acting out* e na busca por repercussão imediata, uma paixão sem objeto que serve como uma reivindicação desesperada contra a indiferença do mundo (Idem).

Isto posto, força-nos a insistir no conceito de "estilo de imediatez" como uma característica cultural proeminente no capitalismo tardio (KORNBLUH, 2023). Este estilo é definido pela "repudiação da representação e desintegração da mediação" (KORNBLUH, 2023, p. 10). As principais contribuições de Kornbluh sobre a imediatez incluem a Autoteoria como uma das manifestações**:** a autora identifica a "autoteoria" como um exemplo primordial do estilo de imediatez no campo teórico. As obras que se encaixam nessa categoria são caracterizadas pela expressão lírica de experiências pessoais e reflexões impressionistas, pontuadas por aforismos teóricos (KORNBLUH, 2023). Outra expressão que a autora aponta é a primazia da experiência pessoal sobre a abstração: a teoria da imediatez, através da autoteoria, sugere que toda teoria está enraizada na "experiência de um corpo particular" do indivíduo, criticando as teorias tradicionais por serem "demasiado impessoais, demasiado abstratas, demasiado produto do pensamento em oposição à experiência" (KORNBLUH, 2023, p. 130).

Aliás, outros autores exploram noções semelhantes de imediatez: Jameson observa a emergência de "um novo padrão não-cronológico e não-temporal de imediatismos" na sociedade contemporânea, como a abolição de compromissos fixos devido aos telefones celulares ou a "dinamização dos noticiários de televisão" que sintetiza eventos para um consumo instantâneo. Ele considera esse imediatismo "impossível filosoficamente" e o vê como uma forma de fragmentação (JAMESON, 2011, p. 197-204).

Ao passo que Letícia Cesarino conecta a ideia de imediatez à "eu-epistemologia" e à suposta transparência em contextos de conspiritualidades (CESARINO, 2022, p. 176). Ela descreve isso como a "confiança na certeza dos sentidos e na opinião individual," mesmo quando em desacordo com o conhecimento científico estabelecido, exemplificado por alguém que confia na própria percepção de uma cor em detrimento da explicação de um astrônomo (CESARINO, 2022, p. 176). Isso se alinha com a ênfase de Kornbluh na experiência pessoal em detrimento do pensamento abstrato e mediado. Em síntese, Anna Kornbluh conceitua a imediatez como um estilo cultural que privilegia a experiência direta e a presença individual, ao mesmo tempo em que rejeita a representação e a mediação (KORNBLUH, 2023).

Neste contexto, a destrutividade psíquica se coaduna com a destrutividade social e cultural promovida pelo capitalismo em sua fase tardia e neoliberal: trata-se de um esvaziamento generalizado do universo simbólico, do senso de historicidade e da alteridade. Com isso, o trauma se torna o índice clínico de uma cultura que perdeu o laço de sustentação com as figuras do negativo e sua valência estruturante da vida psíquica.

A metapsicologia dos limites e do negativo apontada por Green, que enfatiza a importância do enquadre interno do analista diante de uma clínica do vazio e do traumático, permite compreender que tais sintomas não surgem por acaso, mas constituem expressões de uma era cultural e social traumatizante, que confronta os sujeitos com desertos simbólicos anobjetais (GREEN; URRIBARRI, 2019). Na era da positividade tóxica, da hiperconexão digital e da autoexploração, agravadas pela precarização crescente do trabalho, a falência do negativo manifesta-se como esvaziamento da vida psíquica. Ela aparece sob a forma de repetição muda e de traumatismos sem inscrição simbólica.

Em suma, a destrutividade individual e social, o desinvestimento pulsional e o colapso da representação como mediação psíquica e cultural são sintomas de uma era em que o capitalismo tardio e neoliberal, por meio do capitalismo de plataformas, cria uma realidade de imediatez ilusória que enfraquece os processos de mediação e representação. Essa realidade molda subjetividades narcisistas e fragilizadas, marcadas por dificuldades crescentes de simbolização e elaboração do negativo e, consequentemente, entregues a uma espiral de desintegração e autodestruição, tanto no plano individual quanto no social.

Considerações finais

O trabalho do negativo, em sua dupla face, é aquilo que permite dar limites ao que é possível para o aparelho psíquico, ao passo em que também é o que destrói qualquer possibilidade de representação. A constituição subjetiva depende do apagamento – negativação – do objeto primário do psiquismo, a transformação deste em estrutura enquadrante a partir de sua alucinação negativa (GREEN, 1988, 2010). Em um cenário traumático, como o complexo da mãe morta e os casos-limites, esse luto é impossibilitado, e a tela, o espaço que permite a inscrição de representações, é transformada em um vazio sem fim.

O sujeito encontra-se assim incapaz de investir em objetos substitutos, estando preso em um objeto absoluto. A face destrutiva do trabalho do negati-

vo, expressa pela função desobjetalizante, demonstra a ideia de um trauma de representação. Para Green (2010), isso ressoa com a impossibilidade de dizer não ao objeto, requisito para constituição do espaço representativo.

A questão do estatuto da representação acompanha o próprio movimento de transformação da teoria psicanalítica. A primeira tópica freudiana é caracterizada pela representação como dado de base, enquanto a segunda tópica e a segunda dualidade pulsional colocam a representação em xeque. Ou seja, a psicanálise passa a se ocupar com o irrepresentável (GREEN; URRIBARRI, 2013). Essa mudança também acompanha os âmbitos da psicopatologia psicanalítica e da própria clínica. Observa-se uma ampliação progressiva da relevância clínica das organizações não neuróticas, dos estados-limite e dos sofrimentos narcísicos, deslocando parcialmente a centralidade anteriormente atribuída à neurose na teoria e na clínica psicanalíticas (GREEN; URRIBARRI, 2019). Sob essa perspectiva, os fenômenos contemporâneos aproximam-se mais do modelo do ato dessimbolizante do que das formações simbólicas clássicas descritas pela clínica da neurose.

As transformações aqui discutidas não afetam apenas os pacientes, mas também os próprios analistas. A aceleração temporal, a hiperconectividade, a precarização dos vínculos e o enfraquecimento das mediações simbólicas constituem o horizonte cultural compartilhado por todos os sujeitos contemporâneos. Nessa perspectiva, o enquadre interno do analista adquire importância decisiva, pois sua capacidade de sustentar a espera, a ausência, o trabalho do negativo e os processos de simbolização torna-se condição fundamental para o tratamento dos sofrimentos marcados pela dessimbolização e pelo vazio psíquico. A maneira pela qual os analistas são interpelados por essa falência simbólica foge do escopo do presente artigo, mas pode ser tema de futuras investigações.

Por fim, a obra de André Green contém uma rica reformulação metapsicológica com grande potencial para compreender e subsidiar intervenções clínicas relativas ao sofrimento psíquico no contexto sociocultural contemporâneo (COELHO JR., 2013). Ao articular os conceitos de trauma, representação, pulsão de morte e destrutividade a partir da chave teórica do trabalho do negativo, Green antecipa muitos dos impasses que hoje caracterizam as subjetividades marcadas pelo colapso simbólico na sociabilidade e cultura narcisista (JAPPE, 2019). Nesse cenário, o desafio da psicanálise talvez seja menos interpretar do que sustentar condições de continência psíquica em meio aos escombros da subjetividade, no sentido de sustentar o intervalo, o vazio e a ausência – condições necessárias à simbolização.

Referências

ADORNO, T. W. *Dialética negativa.* (M. A. Casanova, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ANTUNES, R. *Trabalho em plataformas:* regulamentação ou desregulamentação? o exemplo da Europa. São Paulo: Boitempo, 2024.

BERARDI, F. *Depois do futuro.* São Paulo: Ubu, 2019.

BOKANOWSKI, T. Variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático e trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise,* v. 39, n. 1, 2005.

CESARINO, L. *O mundo do avesso:* verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.

COELHO JR, N. E. A importância de André Green para a psicanálise contemporânea. *Percurso,* 25(49/50), p. 141-152, 2013.

FERENCZI, S. (1932). *Diário Clínico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990.

FIGUEIREDO, L. C.; CINTRA, E. U. Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. In: CARDOSO, M. R. (Eds.). *Limites*. São Paulo: Escuta, 2004. p. 13-58.

FISHER, M. *Realismo Capitalista:* é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREUD, S. (1925). A negação. In: *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 249-255. (Obras Completas, 16).

_____. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 13-188. (Obras Completas, 19).

GARCIA, C. A. O trauma em André Green. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, v. 30 (2), p. 19-30, 2012.

GREEN, A. A mãe morta. In: _____. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988. p. 239-273.

_____. A mente primordial e o trabalho do negativo. *Livro Anual de Psicanálise, 14*, p. 133-148, 2000.

_____. *Orientações Para uma Psicanálise Contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

_____. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. *A loucura privada: psicanálise de casos-limite*. São Paulo: Escuta, 2017.

_____. *Por que as pulsões de destruição ou de morte?* São Paulo: Blucher, 2022.

GREEN, A.; URRIBARRI, F. A representação e o irrepresentável: Rumo a uma metapsicologia da clínica contemporânea. *Percurso*, 25(49/50), p. 153-160, 2013.

_____. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo.* São Paulo: Blucher, 2019.

HAN, B.-C. *A agonia do Eros*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HERRMANN, F. *Andaimes do real. Psicanálise do quotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JAMESON, F. *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 1992.

_____. O fim da temporalidade. *ArtCultura, Uberlândia,* v .13, n. 22, p. 187-206, 2011.

JAPPE, A. *A sociedade autofágica - capitalismo, desmesura e autodestruição.* Portugal: Antígona, 2019.

KORNBLUH, A. *Immediacy, or the style of too late capitalism.* Rio de Janeiro: Verso, 2023.

LASCH C. *A cultura do narcisismo:* uma era de expectativas decrescentes. São Paulo: Fósforo Editora, 2023.

MINERBO, M. *Neurose e não neurose*. São Paulo: Blucher, 2011.

MORAIS, A. R. A (des)razão sensível: a condição do corpo na subjetividade pós-moderna. In: SOUZA JR. *et al.*(org.). *Corporeidade na clínica, na arte e na cultura:* contribuições psicanalíticas. Monte Carmelo: Editora FUCAMP, 2023. v. 1, p. 31-45.

MORAIS, A. R.; LAZZARINI, E. R.; BENIGNO, L. F. Nas fronteiras da subjetividade: capitalismo narcisista e a metapsicologia dos limites. In: ALMADA, L. F.; BARROS, A. P. do R. (Org.). *Psicanálise e capitalismo*. Curitiba-PR: Kotter Editorial, 2026, v. 1, p. 107-126.

SENNETT, R. *A cultura no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Tramitação

Recebido 10/11/2025

Aprovado 10/06/2026